

A SEMANA PEDAGÓGICA VISITANDO À ESCOLA SEM PARTIDO: RISCOS E AMEAÇAS AO CONTEXTO EDUCACIONAL

Sandro Prado Santos, FACIP/UFU, sandro.santos@ufu.br
Bill Robson Monteiro Lisboa, FEESU/FUPAC, billrobsonmg@hotmail.com

Resumo Expandido

Ao depararmos com a proposição da temática que compõe a XV Semana Pedagógica, a saber: *‘Educação Especial, Inclusão e Diversidade no Contexto Educacional’* fomos imediatamente provocados a pensá-la em meio as teias de relações de poder-saber do Movimento Escola Sem Partido (MESP). Ficamos nos questionando: a pauta do Escola Sem Partido na agenda pública vai ao encontro com perspectivas da inclusão e da diversidade no contexto educacional brasileiro? Há riscos? Ameaças? Essas temáticas são desejáveis? Há valores, concepções, projetos e direitos sob suspeitas, censuras, vigilâncias ou proibidos? Quais as implicações na atividade escolar, na atividade docente e na discussão educacional? O que está efetivamente em disputa? O movimento é uma investida na vida e a tudo que nela está implicado – a diversidade, a diferença e o conflito que promova o diálogo desse encontro? Por isso temos como proposta nesse texto realizar um movimento de visitar e trazer à tona a relação de forças, o contexto social, político e econômico que permeiam o MESP, apontando suas implicações insidiosas na discussão dos temas da *‘Educação Especial, Inclusão e Diversidade no Contexto Educacional’* na atuação e formação dx pedagoga¹. A primeira visita realizada foi na página do MESP situado no site <<http://www.escolasempartido.org>> e posteriormente numa coletânea de textos organizado por Gaudêncio Frigotto (2017): *‘Escola ‘sem’ partido: esfinge que ameaça a Educação e a sociedade brasileira’* e no dossiê: *‘Escola sem Partido e formação humana’* da Revista de História e Estudos Culturais organizado por Nivaldo Alexandre de Freitas e Merilin Baldan (2017). Ao acessarmos a página do ‘Escola sem Partido’ recebemos um primeiro aviso nos convidando para conhecer o anteprojeto Lei contra a doutrinação nas escolas e o abuso da liberdade de ensinar, estabelecendo deveres ao professor, conforme Figura 1. A página é assinada e coordenada pelo advogado Miguel Nagib que descreve o ‘Escola Sem Partido’ como uma associação informal, independente, sem fins lucrativos e sem qualquer espécie de vinculação política, ideológica ou partidária que ganhou existência a partir de uma iniciativa conjunta de pais e estudantes, contribuintes e consumidores de serviços educacionais, preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras: ‘[...] um exército organizado de militantes travestidos de professores prevalece da liberdade de cátedra e da cortina do segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo’².

¹ A atualização da grafia ‘x’ indica um posicionamento político para assinalar a multiplicidade de experiências no campo das feminilidades e masculinidades.

² Site <<http://www.escolasempartido.org>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.



Figura 1. Fonte: www.programaescolasempartido.org

Os lemas do movimento são: pela descontaminação e desmonopolização política e ideológica da escola; pelo respeito à integridade intelectual e moral dos estudantes e pelo respeito ao direito dos pais de dar aos seus filhos a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções. Com isso as pretensões são: oferecer análises críticas de bibliografias, livros didáticos e conteúdos programáticos; incitar a denúncia/delação das ações de professorxs no espaço escolar – notificando-xs extrajudicialmente, indicando no site modelo de notificação extrajudicial e incitando ‘Planeje sua denúncia’ e ‘Flagrando o Doutrinador’. No contrapelo dessa suposta preocupação com o ensino e a defesa da ‘liberdade de ensinar’, assinalamos que xs defensorxs da Escola sem Partido ‘[...] ao contrário do que parece e da suposta neutralidade, defendem um partido único, o da mordação, do conservadorismo, da intolerância, da ignorância, da servidão, da doutrinação, do fanatismo, do sectarismo e do autoritarismo’ e governo dos corpos. Uma defesa contrária a liberdade e a neutralidade ‘[...] engessam a educação e impõem uma camisa de força’, advogando ‘[...] o fim da escola, o esvaziamento dos conteúdos educacionais e a desvalorização do magistério’. (ORSO, 2017, p. 137). Desse modo a educação precisa tomar um partido e não se furtar de sua missão política de combate a esse instrumento estratégico de mobilização e jurídico-político de controle da escola e do tombamento da educação num individualismo moral. Sorrateiramente o Escola sem Partido silencia xs professorxs da escola pública, coloca-xs no lugar de um elemento perigoso, que precisam ser contidxs, caladx e amordaçadx para não ameaçar e contrariar a liberdade de consciência e de crença dada pela instituição familiar. Esconde-se o desmonte da escola, da inclusão, da Educação Especial, da diversidade, bem como o esvaziamento das possibilidades de ensinar, aprender e educar. Nesse contexto compactuar com suposto apartidarismo ‘[...] é desviar a atenção, transformar a escola numa jaula para trancafiar docentes e alunos e isolá-los do mundo, de acordo com a concepção positivista [...] significa pactuar com a violência, com a pobreza, com as desigualdades sociais e com as guerras; [...] com a

miséria humana, cultural e social [...]’. (ORSO, 2017, p. 138). Com essa conjuntura reafirmamos que o projeto Escola sem Partido é uma investida na tentativa de silenciar a possibilidade de debate e de produção de subjetividades singularizadas no contexto educacional. Com isso, qual o lugar das discussões da Educação Especial, da inclusão e da diversidade? Quem encabeçar a discussão terá lugar na escola? ‘Como um professor será capaz de discutir com alunos diferentes um ensino que seja compatível com as convicções morais familiares diferentes e até mesmo contrárias presentes numa mesma sala de aula?’. (SOUZA; OLIVEIRA, 2017, p. 125). Os diferentes, os fora-da-norma, os transgressores, crianças com deficiência, outros modos de viver e existir serão desejáveis na Escola sem Partido? Serão considerados marginais, desordeiros, danosos e pecadores? Na verdade, eles não querem a neutralidade política, ideológica e religiosa (SOUZA; OLIVEIRA, 2017), anseiam o ensino do conservadorismo, de fascismos e da violência. Escola sitiada, educação cercada, professorxs vigiadxs, escola ‘sem’ partido: O partido absoluto e único: da intolerância às diferenças de conhecimento, de educação, de gênero, de etnia, dentre outras. Uma ‘escola partida’. (RAMOS, 2017).

Palavras-chave: Contexto Educacional. Escola Sem Partido. Formação Docente.

Referências

FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Escola ‘sem’ Partido:** esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

FREITAS, Nivaldo Alexandre.; BALDAN, Merilin. (Orgs.). Dossiê ‘Escola Sem Partido e Formação Humana’. **Revista de História e Estudos Culturais**, v.14, n.1, ano XIV, jan./jun. 2017. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br>. Acesso em 18 de setembro de 2017.

ORSO, Paulino José. Reestruturação curricular no caminho inverso ao do ideário do Escola sem Partido. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Escola ‘sem’ Partido:** esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017, p. 133-144.

RAMOS, Marise Nogueira. Escola Sem Partido: a criminalização do trabalho pedagógico. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Escola ‘sem’ Partido:** esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017, p. 75-85.

SOUZA, Rafael de Freitas e.; OLIVEIRA, Tiago Fávero de. A doxa e o logos na educação: o avanço do irracionalismo. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Escola ‘sem’ Partido:** esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017, p. 121-131.